

Du levande / 2007

Tu, que Vives

um filme de Roy Andersson

Realização e Argumento: Roy Andersson / **Direcção de Fotografia (35mm, cor):** Gustav Danielsson / **Montagem:** Anna Märta Waern / **Música:** Benny Andersson / **Figurinos:** Sofia Frykstam / **Som:** Jan Alvermark, Felix Aneer / **Efeitos Especiais:** Christian Niklasson / **Interpretação:** Elisabeth Helander (Mia), Jörgen Nohall (Uffe), Jan Wikbladh (o fã), Björn Englund (o tocador de tuba), Birgitta Persson, Lennart Eriksson, Jessika Lundberg, Eric Bäckman, etc.

Produção: Roy Andersson Filmproduktion, Thermidor Filmproduktion, Parisienne de Production, Posthus Teatret, 4 ½, Stylejam, SVT, Arte France Cinéma, WDR / **Produtor:** Roy Andersson, Pernilla Sandström / **Cópia:** digital, colorida, 95 minutos, versão original falada em sueco com legendas em português / **Estreia mundial:** 24 de maio de 2007 (Festival de Cannes) / **Estreia em Portugal:** 13 de janeiro de 2011 / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

Tu, que Vives é sobre o Homem - grandeza e miséria, alegria e tristeza, autoconfiança e ansiedade: rimos desse Homem mas também o choramos. É apenas uma comédia trágica ou uma tragédia cómica sobre nós próprios.
Roy Andersson

Não se pode dizer, com base na epígrafe acima, que Andersson não tenha uma ideia muito clara sobre a ambição metafísica do seu projecto de cinema. Com um misto de arrogância e de ingenuidade, esta auto-descrição acaba por ser uma certa forma de dar conta da ambição totalitária e abstratizante da sua obra (e eventualmente dos seus limites, já que acaba por ser sobretudo um cinema ao serviço de ideias gerais mais do que sobre coisas concretas - sejam elas personagens ou paisagens, sentimentos ou acções).

Como tem sido referido noutras "folhas" desta retrospectiva, a experiência da ambiciosa Trilogia dos Vivos (de que **Tu, que Vives** é o segundo tomo) serviu a Roy Andersson para voltar à ribalta cinematográfica depois de um afastamento voluntário que durou mais de duas décadas e em que se dedicou, com bastante sucesso aliás, a aplicar o seu apurado sentido visual à realização de publicidade televisiva. O entusiasmo que acolhera o anterior "**Canções do Segundo Andar**" não esmoreceu com a estreia em Cannes de **Tu, que Vives**, antes pelo contrário, e a fama de Andersson como um cineasta visionário capaz de dar uma expressão singular às grandes inquietações da humanidade ganhou ainda mais força (se Cannes esteve na origem do culto anderssoniano, o Festival de Veneza encarregou-se da sua consagração oficial como um dos grande autores do cinema europeu contemporâneo através dos prémios sucessivos dados a **Um Pombo Pousou num Ramo a Reflectir na Existência**, que fecha a Trilogia e que veremos amanhã a encerrar o Ciclo, e ao mais recente **Da Eternidade**).

Repetindo aqui a mesma forma visual e estrutura narrativa, composta por uma sucessão de *quadros vivos* que contam várias histórias (em paralelo ou cruzando-se pontualmente) sem se

submeter aos procedimentos tradicionais do *storytelling*, que já tinha usado em "**Canções do Segundo Andar**", Andersson quis fazer justiça a dois conceitos centrais da sua ideia de cinema. O primeiro é o de "trivialismo", termo que Andersson prefere às frequentes descrições dos seus cuidados e insólitos *tableaux* como hiperrealistas ou surrealistas. Por "trivialismo", entende-se a dedicada atenção dos seus filmes à vida do homem comum e aos pequenos dramas do seu quotidiano. Embora muitas das situações representadas nos seus filmes sejam muito pouco comuns percebe-se que o que (co)move Andersson é uma certa banalidade prosaica da vida, seja em sociedade seja na esfera íntima. O segundo conceito importante para Andersson é o de "imagem complexa", com isto querendo justificar uma estética ancorada no plano fixo, em enquadramento frontal e prolongado no tempo, o qual podemos observar como se estivéssemos perante uma pintura (deixando o nosso olhar livre para nele ir descobrindo cada elemento até ao limite da profundidade de campo) e a que poderemos regressar sem nunca nos cansarmos (numa entrevista sobre "**Canções do Segundo Andar**", Andersson referiu que o seu grande desejo era fazer um filme em que todos os planos fossem memoráveis e tão ricos como a melhor pintura pode ser).

A aplicada construção de **Tu, que Vives** serve o mesmo objectivo. Desde o primeiro quadro com o homem que acorda sobressaltado pelo pesadelo da chegada dos bombardeiros, introduzindo uma lógica onírica que organizará todo o filme (ao ponto de não ser importante saber se estamos dentro de um sonho ou não), até ao plano final, com a aproximação dos aviões à cidade (porque será que nos lembrámos do início de **O Triunfo da Vontade** de Leni Riefenstahl?), cada imagem-quadro é o resultado de um meticuloso trabalho (de composição, iluminação, direcção de actores, cenografia, etc) em que absolutamente nenhum elemento é deixado ao acaso (na folha de "**Canções do Segundo Andar**" já tínhamos referido a importância do ambiente hipercontrolado do estúdio como componente essencial para a produção destas "visões").

Não há grande novidade em relação ao filme anterior, mas é bem verdade que mesmo para os menos aficionados, **Tu, que Vives** terá alguns dos mais impressionantes momentos do "catálogo de atracções" de Roy Andersson. Veja-se o *tour de force* da cena do sonho do casamento a bordo da casa-comboio (e a existência de um campo-contracampo nessa cena é uma tal raridade em toda a Trilogia que talvez encontre a sua única justificação na vontade de Andersson nos mostrar que não há qualquer truque digital, que o que estamos a ver é mesmo uma casa filmada em cima de um comboio em movimento). Noutro momento raro (um movimento de câmara!) somos brindados com uma nova demonstração de virtuosismo: no primeiro *travelling* da Trilogia, um *tracking shot* percorre todo o interior do restaurante com o *timing* da canção colectiva a ditar o princípio e o fim da acção). O típico humor negro e *deadpan* de Andersson também marca pontos num dos melhores *gags* da sua obra (a sequência do truque falhado da toalha de mesa), com o riso a extinguir-se quando percebemos duas enormes suásticas gravadas no tampo da mesa de jantar de uma atónita família da aristocracia sueca.

Colocando-nos perante uma extensíssima galeria de personagens avulsas que expiam uma qualquer culpa colectiva (tal como os flagelantes engravatados de "**Canções do Segundo Andar**"), os filmes de Andersson são a expressão cinematográfica do sentimento (humano, demasiado humano) de aproximação do dia do juízo final (o dilúvio que se abate sobre a cidade em vários dos quadros/sequências de **Tu, que Vives** tem claras conotações bíblicas). Perante o fim, o sentido de patético de Andersson (à beira da misantropia, ou para alguns, menos adeptos do seu *freak show* habitual, completamente ensopado nela), é talvez a melhor resposta possível.